Título: O "Século da Humilhação Nacional" enquanto momento caracterizador do Nacionalismo Chinês

Autora: Susana Silva Ramos

Licenciada em Estudos Asiáticos pelo Consórcio da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Mestre em International Studies pelo ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa. Doutoranda em História Moderna e Contemporânea pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Resumo

Contrariamente a fenómenos nacionalistas semelhantes baseados na religião, na etnicidade ou em ideologias, o Nacionalismo Chinês é resultado das experiências históricas da China, das suas vitórias e derrotas. Até ao século XIX os chineses consideram-se a si mesmos como centro do mundo, mas com as guerras que trouxeram o "Século da Humilhação Nacional" a natureza do nacionalismo chinês mudou e o fenómeno passou a definir-se em função das relações que a China detém com o ocidente.

Ao longo dos séculos XIX e XX o Nacionalismo Chinês foi sendo lapidado pela agenda política do país, e à medida que se moldava o discurso político definia-se paralelamente o Nacionalismo Chinês. Por um lado, existe um Nacionalismo Chinês imbuído de um grande patriotismo e confiante no futuro brilhante da nação, por outro um sentimento nacional de injustiça, materializado no "Século da Humilhação Nacional" permeia transversalmente o Nacionalismo Chinês e faz com a narrativa da vitimização seja muito mais definidora do Nacionalismo Chinês.

Palavras-Chave: China; Nacionalismo Chinês; Século da Humilhação Nacional, Campanha de Educação Patriótica, Narrativa de Vitimização

O "Século da Humilhação Nacional" enquanto momento caracterizador do Nacionalismo Chinês

Depois da Segunda Guerra Mundial o nacionalismo parecia ser um fenómeno a desvanecer-se; contudo no pós-guerra fria a reemergência de fenómenos nacionalistas alteraria o mapa político mundial até à actualidade. É dentro desta "era global" que o nacionalismo chinês é crucial para a política externa do presidente Xi Jinping. Para compreender a volatilidade do Nacionalismo Chinês é preciso analisar o "Século da Humilhação Nacional"[1].

O nacionalismo chinês é amplamente marcado pelo "Século da Humilhação" durante o qual a china sofreu às mãos da potencias imperialistas estrangeiras. Este "Século da Humilhação Nacional" compreende o período entre a primeira guerra do ópio (1839-1842) e estende-se até à guerra de Resistência Anti Japonesa em 1945 ou segundo alguns autores até á revolução socialista de 1949. Este período começa com a derrota chinesa na Primeira Guerra do Ópio e com a aquisição Britânica de Hong Kong. A partir daqui, durante cerca de 100 anos a China esteve em guerra com as potências estrangeiras e com o Japão: duas Guerras do Ópio, a guerra Sino-Japonesa "Jiawu", a Rebelião Boxer, a Guerra de Resistência Anti Japonesa. As guerras e os tratados desiguais representaram grandes perdas de soberania para a China e têm um papel fundamental na narrativa de que as potências estrangeiras tiraram partido de uma china enfraquecida que é por isso forçada a assinar os acordos. O "Século da Humilhação Nacional" torna-se o período mais negro da história da China[2].

O "Século da Humilhação Nacional" é um momento traumático fundacional uma vez que alterou para sempre a visão chinesa do mundo, até então existiu reverencia face à grande civilização chinesa e a partir deste momento as perdas que a China sofre alterariam para sempre a sua visão sobre si própria. A narrativa reescrita continuamente evoca a humilhação nacional do passado, caracteriza a identidade chinesa e torna-se uma ferramenta de mobilização do nacionalismo chinês e ao longo da história esta narrativa é manobrada de forma a servir os objetivos políticos de vários líderes. Por exemplo, para Sun Yat-sen o nacionalismo chinês teria de perpetuar a civilização chinesa, apenas com uma maioria Han, capaz de unificar os Manchus, Mongols, Huis e Tibetanos se poderia construir uma nação chinesa capaz de se opor aos ocidentais. O

“Século da Humilhação” serviu o nacionalismo de Sun Yat-sen na medida em que unificando a China foi capaz de mobilizar as pessoas contra o imperialismo. Chiang Kai-shek, sucessor de Sun Yat-sen aproveitou esta unificação e a centralização do partido e utilizou o” Século da Humilhação Nacional” como mote para restaurar a grandeza perdida da China. Depois de 1949 Mao Tse-Tung subverte por completo a narrativa e torna-se um mestre da “narrativa dos fracos”; conjuntamente com o Partido Comunista Chinês forjam a teoria de que, na verdade, o sofrimento da China é resultado da corrupção interna e da incompetência dos governantes feudais e capitalistas, da corte Qing e dos nacionalistas do Kuomintang. As invasões estrangeiras passam assim a ser um fator secundário na experiência nacionalista chinesa e até a expressão “humilhação nacional” caí em desuso[3].

Em 1989, com o movimento de estudantes e o colapso do Partido Comunista na europa de leste, o Partido Comunista Chinês entra em crise e volta a servir-se do nacionalismo para unificar e agregar a população. O discurso afasta-se das premissas de Mao Tse-Tung e da Revolução e Deng Xiaoping dá pistas para uma reforma de educação histórica que viria a ser implementada por Jiang Zemin quando este é secretário-geral do Partido. Esta reforma tem dois objetivos principais, por um lado transformar a própria ideologia do Partido Comunista Chinês e por outro garantir que as pessoas no seu quotidiano usavam vocabulário patriótico e compreendiam o discurso o patriótico. O Governo não poupou esforços para implementar esta nova narrativa, os manuais escolares foram alterados para veicular estas ideias posteriormente sedimentadas pelas produções artísticas que em todo o país reiteravam os ideais da reforma de educação[4].

Em 1991 o ministro da educação é formalmente indicado para levar a cabo a “Campanha Patriótica de Educação” que substitui por completo a narrativa da vitória Maoista de que a China tinha ganho a independência nacional pela narrativa da vitimização que culpa o Ocidente pelas derrotas e pelos sofrimentos da China[5].

O Nacionalismo Chinês alicerça-se fortemente nas experiências nacionais chinesas. Zeng Wang na sua obra “Never Forget National Humiliation” salienta esta forte consciência nacional na formação do nacionalismo chinês e argumenta o surgimento de um “nacionalismo mito-trauma” que olha para a memória histórica como a matéria-prima da identidade nacional. A “Campanha Patriótica de Educação” estimula o nacionalismo e este por sua vez fornece um mercado cada vez maior para as

mensagens nacionalistas, a memória histórica serve de lente e estabelece uma relação contínua entre a educação histórica nacionalista e o nacionalismo[6].

A Campanha Patriótica de Educação foi de tal modo impregnante na psique chinesa que a própria campanha e em especial a expressão "勿忘国耻" – "nunca esquecer a humilhação nacional" ainda hoje estimulam o patriotismo mesmo nas camadas mais jovens da população chinesa. As elites chinesas utilizam a memória da humilhação nacional para promover o nacionalismo [7].

O "Século da Humilhação Nacional" é pedra angular da narrativa de perda e redenção que legitima o sistema político chinês. As elites chinesas utilizam o nacionalismo, impulsionado pelo "Século da Humilhação" para promover o nacionalismo chinês e com ele pintar a imagem de um regime que, contrariamente ao que aconteceu no passado, hoje é capaz de fazer frente às potências estrangeiras que tentem subjugar e humilhar a China[8].

A consciência histórica coletiva do povo chinês sobre as experiências traumáticas da China e o uso do passado por parte do estado constituem uma força poderosa na maneira como os chineses conceptualizam, gerem e resolvem conflitos externos. O governo chinês apresenta a nação ameaçada e humilhada por uma coligação de inimigos estrangeiros e a China não tem como escapar a esta humilhação senão através do Partido Comunista Chinês; as "ideias nacionalistas" coletivas da sociedade são difíceis de mudar uma vez que se tratam de tradições institucionalmente enraizadas, tornaram-se parte da retórica pública e dos procedimentos burocráticos e são, muitas vezes inconscientemente, profundamente influenciadas pelas perceções e ações das pessoas e simultaneamente geradoras de influências. O legado do impacto do imperialismo alimenta assim o discurso nacionalista[9].

Apesar do enfoque que é dado à "vitimização" as narrativas heroicas sobre o "Século da Humilhação" não desapareceram por completo, a "china vitoriosa" e a "china vitimizada" coexistem dentro do nacionalismo chinês, a narrativa vitoriosa age como contramedida sempre que a narrativa da vitimização exige que se confrontem as vulnerabilidades e as fraquezas da China mitigando assim a humilhação. Segundo Vamik Volkan "Século" torna-se assim os dois lados de uma mesma moeda, "uma glória escolhida" e "um trauma escolhido", ou seja, é simultaneamente a história da luta chinesa contra o imperialismo e a trágica história dos sofrimentos chineses às mãos das potências estrangeiras. O passado da China e a influência que este período negro tem na política do presente ora restringe ora impulsiona o nacionalismo. A (re)emergência da

narrativa da vitimização e o reencontro com os traumas do passado acabam por ter consequências severas nas relações externas da China [10].

Um subproduto desta mesma narrativa é o posicionamento político chinês, tanto a nível interno como a nível externo. Este luto histórico altamente enraizado na população dá pouca flexibilidade ao governo chinês. De uma maneira geral a política externa chinesa é caracterizada como assertiva, dura e agressiva e tem por objetivo sedimentar as intenções políticas do governo chinês e (re)estabelecer a China como poder dominante da ásia oriental e assim pôr fim à subordinação ao ocidente e ao Japão e ao demasiado longo "Século da Humilhação". Por outro lado, internamente, os chineses tendem a achar que o Governo é demasiado brando e fraco. Para manter a sua legitimidade o Partido Comunista Chinês precisa de equilibrar ambas as posições, mas no que toca às potências externas, especialmente o Japão, a postura assertiva e agressiva tem pouco ou nenhum espaço de manobra[11].

Considerando as últimas décadas poder-se-ia dizer que os sucessos económicos de que a China gozou teriam providenciado algum tipo de cicatrização face ao passado, mas na verdade estes êxitos tornaram-se também eles parte integrante do nacionalismo "mito-trauma"; de tal modo que no ocidente se tende a falar do crescimento da China, enquanto na China se usa a expressão "rejuvenescimento" da nação[12].

O "Século da Humilhação Nacional" legitima o Nacionalismo Chinês *vis-à-vis* o comunismo e por consequência legitima também a política externa chinesa especialmente a política sobre os interesses nacionais da China. No auge da sua articulação o "Século da Humilhação Nacional" é usado para fortalecer os sentimentos anti-entrangeiros e para justificar as ações mais beligerantes que a China tem a nível internacional, tudo para que "nunca se esqueçam as humilhações nacionais do passado. Para perceber a China é crucial perceber as suas intenções e para compreender a sua política externa é preciso compreender os seus interesses nacionais. A identidade nacional é o aspeto mais importante para compreender os seus interesses nacionais e os seus interesses nacionais são determinantes para compreender a sua política externa, ou seja, estamos perante um encadeamento de vetores. Expressões tão marcantes como "勿忘国耻" – "nunca esquecer a humilhação nacional" são tão centrais ao Nacionalismo Chinês que acabam por convergir sobre si os vários aspetos e características do fenómeno[13].

As narrativas associadas ao "Século da Humilhação" caracterizam particularmente a maneira como a China interage com o ocidente e o governo chinês

tem utilizado este discurso para propalar uma política externa cada vez mais musculada em nome da defesa dos interesses nacionais o que tem levantado questões sobre a emergência de um nacionalismo chinês mais inflexível que pode fazer com que o crescimento da china deixe de ser tão pacifico quanto tem sido até aqui. O Partido Comunista Chinês depende do nacionalismo para manter o atual sistema unipartidário chinês e a reivindicação de que apenas o Partido Comunista Chinês é capaz de redimir as humilhações do passado tem permitido ao governo driblar a política interna e externa para melhor posicionar a China em contextos globais[14].

Atualmente a China procura uma posição mais central na ordem internacional e com isso crescem as dúvidas, especialmente dentro país, de qual deve ser o papel da China e se esse mesmo papel pode existir sem que se sacrifique a soberania do país. As dúvidas, levantadas essencialmente pelas elites chinesas, provam que o "Século da Humilhação Nacional" continua bem presente na memória da China, mas não oferece consenso sobre a posição da China na ordem mundial. Tendo isso em conta as elites chinesas avançam 3 visões sobre como a China deve interagir com outros estados-nação: o primeiro que o sistema internacional é prejudicial para a China, na sua visão a China ainda está vulnerável e o "Século da Humilhação" é tido como uma premonição do futuro; na segunda a posição a China pode trabalhar dentro do atual sistema, deve procurar um papel central e determinar os seus próprios termos para fazer parte deste sistema internacional por forma a atingir um estatuto de reconhecimento e (quase)igualdade perante as outras potências e assim mitigar as humilhações do passado; na terceira e última posição a China pode alterar o sistema; esta última posição contém elementos de ambas as anteriores: o atual sistema internacional não responde às necessidades de muitas nações e não é por isso confiável mas a China detém atualmente uma posição mais ativa, e precisamente por causa da subjugação do passado está melhor equipada para modelar o sistema internacional e oferecer uma visão alternativa de como as relações internacionais podem ser conduzidas. Estas três posições utilizam o vocabulário e as visões desenvolvidas durante e sobre o "Século da Humilhação Nacional" e todas partem da premissa que o sistema internacional atual é essencialmente o mesmo do século XIX: estados-nação fortes e estados nação fracos[15].

Em suma, as narrativas associadas ao "Século da Humilhação Nacional" evoluem ao longo do tempo e consoante a agenda política e modelam as relações externas da China até aos dias de hoje. A maneira como o discurso político utiliza o "Século da Humilhação Nacional" serve não só como medida preventiva sobre as

experiências do passado, mas também como uma fonte de conhecimento sobre como o mundo funciona, tanto explicitamente como implicitamente, e o governo chinês utiliza a narrativa desenvolvida ao longo dos anos para interpretar as dinâmicas presentes nas suas relações internacionais. A política chinesa em torno deste período histórico revive constantemente o trauma não resolvido das humilhações sofridas às mãos das potências imperialistas e o "Longo Século da Humilhação Nacional" parece por isso não ter um fim. Quanto mais a presença da China nas arenas internacionais cresce mais o debate sobre a narrativa da humilhação nacional, as experiências do passado e as realidades do presente fazem parte da política chinesa e são utilizados para defender os seus interesses nacionais e assim determinar qual o comportamento que melhor servirá a China[16].

O Nacionalismo Chinês tem passado por várias fases, mas o sentimento de pertença chinês foi/é amplamente afetado pelas humilhações que a China sofreu no passado. Ser chinês não é dissociável do "Século da Humilhação Nacional".

---

[1] BHATTACHARYA, Abanti: "Conceptualising Uyghur separatism in Chinese nationalism", *Strategic Analysis*, 2003, *27*(3): 357-381; HYER, Eric: "China's policy towards Uighur nationalism". *Journal of Muslim Minority Affairs*, 2006, 26.1: 75-86.

[2] HUGHES, Christopher R. *Chinese nationalism in the global era*. Routledge, 2006, 5; GRIES, Peter Hays. *China's New Nationalism*. University of California Press, 2004, 46-47; GRIES, Peter. Nationalism, indignation and China's Japan policy. *The SAIS Review of International Affairs*, 2005, 25.2: 105-114.

[3] ZHENG, Yongnian; ZHENG, Yuliang. *Discovering Chinese nationalism in China: Modernization, identity, and international relations*. Cambridge University Press, 1999, 28, 68-69

[4]DE OLIVEIRA, Alana Camoça Gonçalves; DE MORAIS, Isabela Nogueira. Ameaça externa e o sistema de educação na construção do nacionalismo chinês. *Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas*, 2018, 6.1: 107-114.

[5] DE OLIVEIRA, Alana Camoça Gonçalves; DE MORAIS, Isabela Nogueira. Ameaça externa e o sistema de educação na construção do nacionalismo chinês. *Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas*, 2018, 6.1: 116-117.

[6] WANG, Zheng: *Never forget national humiliation: Historical memory in Chinese politics and foreign relations*. Columbia University Press, Nova Iorque, 2014, 225-236; GRIES, Peter Hays. *China's New Nationalism*. University of California Press, 2004, 47

[7] ROU-LAN, Chen. Chinese youth nationalism in a pressure cooker. *China and Taiwan: Fitful Embrace*, 2017, 106-107.

[8] KAUFMAN, Alison Adcock. The "century of humiliation," then and now: Chinese perceptions of the international order. *Pacific Focus*, 2010, 25.1, 3.

[9] ZHENG, Yongnian; ZHENG, Yuliang. *Discovering Chinese nationalism in China: Modernization, identity, and international relations*. Cambridge University Press, 1999, 46-48, 74; HUGHES, Christopher R. *Chinese nationalism in the global era*. Routledge, 2006, 5, 39-40

[10] YUAN, Jing-Dong. Chinese Nationalism and Sino–Japanese Relations. *Pacific Focus*, 2008, 23.2: 212-231, 213. GRIES, Peter Hays. *China's New Nationalism*. University of California Press, 2004, 49-50; GRIES, Peter. Nationalism, indignation and China's Japan policy. *The SAIS Review of International Affairs*, 2005, 25.2: 109-110

[11] ZHAO, Suisheng. Chinese nationalism and its international orientations. *Political Science Quarterly*, 2000, 115.1: 1-33; LIU, Yiben; ZHOU, Shuhua. Evolving Chinese nationalism: Using the 2015 Military Parade as a case. *East Asia*, 2019, 36.3: 264-268

[12] WANG, Zheng: *Never forget national humiliation: Historical memory in Chinese politics and foreign relations*. Columbia University Press, Nova Iorque, 2014, 9-15, 225-236; DE OLIVEIRA, Alana Camoça Gonçalves; DE MORAIS, Isabela Nogueira. Ameaça externa e o sistema de educação na construção do nacionalismo chinês. *Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas*, 2018, 6.1: 116-117.

[13]KAUFMAN, Alison Adcock. The "century of humiliation," then and now: Chinese perceptions of the international order. *Pacific Focus*, 2010, 25.1: 1-33. WANG, Zheng: *Never forget national humiliation: Historical memory in Chinese politics and foreign relations*. Columbia University Press, Nova Iorque, 2014, 225-236

[14] ZHAO, Suisheng: "Foreign Policy Implications of Chinese nationalism Revisited: the strident turn", *Journal of Contemporary China*, 2013, 22:82, 535; GRIES, Peter Hays. *China's New Nationalism*. University of California Press, 2004, 43-47; HUGHES, Christopher R. *Chinese nationalism in the global era*. Routledge, 2006, 117.

[15] KAUFMAN, Alison Adcock. The "century of humiliation," then and now: Chinese perceptions of the international order. *Pacific Focus*, 2010, 25.1, 11-26

.

[16] GRIES, Peter Hays. *China's New Nationalism*. University of California Press, 2004, 51-52; KAUFMAN, Alison Adcock. The "century of humiliation," then and now: Chinese perceptions of the international order. *Pacific Focus*, 2010, 25.1, 11-12; GRIES, Peter. Nationalism, indignation and China's Japan policy. *The SAIS Review of International Affairs*, 2005, 25.2: 105-114.